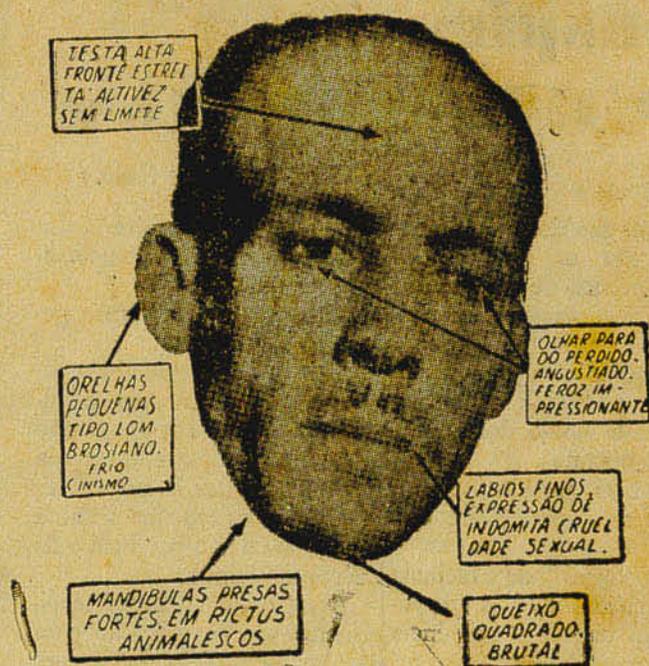


O tarado de S. Paulo

- Pág. 2 — CONSPIRAÇÃO DEMOCRÁTICA — Prof. Medeiros Santos.
TIM-TIM — por Tim Thim.
- Pág. 3 — O TEMPO — J. J. Barreto.
INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA.
- Pág. 4 — IN... DISCRIÇÕES — C. Azar.
ACONTECE CADA COISA... — Osmar Cook.
- Pág. 5 — O TARADO DE S. PAULO.
UM DEPUTADO QUE FAZ JUS AO SEU MANDATO.
- Pág. 8 — CONFERENCIA PROMOVIDA PELO MAJOR JALDYR FAUSTINO DA SILVA.
- Pág. 10 — A AMÉRICA DO SUL LUTARÁ PELO MUNDO OCIDENTAL.
- Pág. 11 — RADIO — Hamilton Alves.
- Pág. 12 — ARTES — Sálvio de Oliveira.
- Pág. 13 — FALECIMENTO DO CAP. JOAO DONATO DE SOUZA.
- Pág. 14 — MENSAGEM DA ROÇA — A. Barreto Bossle.
"O TEMPO" ENSINA INGLÊS — Prof. A. A. Bouson.
- Pág. 15 — CONTA-GOTAS — Osmar Silva.



Reportagem na 5a. página

Alerta às famílias

Nunca a família florianopolitana esteve mais exposta à sanha dos caluniadores. Alguns indivíduos, que desde muito já desmereceram do respeito público, se reúnem nos bares e nos cafés, extravazando as dores de sua derrota moral através de difamações a cavalheiros, senhoras e senhoritas de tradição em nossa melhor sociedade.

Esse procedimento criminoso, que os estudiosos definem como revanche psicológica, vem assumindo proporções as mais graves. Atassalha-se a honra alheia com um sorriso mórbido e nenhum medo de reação. E o pior é que pessoas de responsabilidade se comprazem de ouvir aos detratores, sem saber que sofrerão o castigo de serem as outras vítimas deles.

Quem progride é ladrão. Quem lhes contraria o menor interesse é filho de desonesto. A dama que passa não os olha? Ah! Não importa. Já a desfrutamos — dizem eles.

Basta de tolerância a esses indivíduos, senhores! Antes que a força das dignidades feridas se faça sentir de modo violento, investiguemos para apontar à justiça e à execração pública os nomes dos responsáveis pelas calúnias que ensombram a nossa sociedade.

Joaquim Domingues de Oliveira, Conde Romano



Transcorreu, no dia 7 deste mês, o 38º aniversário da elevação de D. Joaquim Domingues de Oliveira à dignidade de Arcebispo de Florianópolis.

O eminente sacerdote, cuja alma está em constante floração de sentimentos de amor às criaturas, aparece entre as mais completas formações culturais do país. É imensa a área de domínio do seu pensamento e da sua bondade.

Naquela data, pois, os católicos alteamos o coração para agradecer ao céu o favor e a honra de nos haver concedido guia espiritual tão insigne.

"O TEMPO" É UM JORNAL SEMPRE AMIGO DOS AMIGOS DO POVO E SEMPRE INIMIGO DOS INIMIGOS DO POVO.

O TEMPO

SEMÁRIO INDEPENDENTE

ANO I | FLORIANÓPOLIS, 15 DE SETEMBRO DE 1952 | N. 10

Conspiração Democrática

Prof. Medeiros Santos

A base política das democracias são os partidos — Agrupamentos de afinidades ideológicas do respectivo eleito-

Sempre se disse que a pluralidade partidária constituía o supremo desejo dos autênticos democratas.

Tantos partidos seriam, quantas as correntes de opiniões.

Democracias de fachada eram tachadas aquelas que investissem contra a existência do pluripartidarismo.

Os partidos políticos são como ondas ou canais em que devam circular as opiniões do povo.

Calcule-se que suplicio não seria aos ouvintes de rádio, caso fossem obrigados a sintonizar seus aparelhos para duas ou três estações, em todo este vasto Brasil.

E' o que se pretende fazer com o eleitorado, restringindo-lhe a possibilidade de escolher, que ficaria reduzida a dois ou três partidos, numericamente grandes, mas doutrinarmente vãos de conteúdo.

Tenta o sr. Gustavo Capanema convencer os seus pares de que a pretendida camisa de força "partidária", permitindo a existência de três partidos no máximo e a supressão dos demais, seria o ideal na democracia de seus sonhos.

Pela tese Capanema, desapareceriam, dentre outros, o P. L. e o P. R. P. agremiações que apresentam tendências definidas de um eleitorado consciente.

São partidos pequenos, mas integrados de todos os requisitos programativos e atuantes, com substancial conteúdo e largo crédito em expressivas elites políticas.

Culpa não lhes cabem de serem organizações partidárias menores, pois que os grandes partidos, exceção aqui no Brasil, nasceram pequenos.

A clientela ideológica, por ser mais seleta e estável, é de formação muito lenta.

Os partidos que estão no governo ou que a êle querem assaltar, mais das vezes com a gazua de uma ideologia ba-

rata, crescem como herva daninha em terreno humedecido.

São grandes por fóra e pequenos por dentro.

E' bem certo que ainda somos um país sem opinião pública organizada e assim não nos abonam os exemplos da Inglaterra e dos Estados Unidos — países em que domina o regime da competência e da responsabilidade.

Aqui, dado ao nosso sentimentalismo e a vocação para resolvermos, os mais graves problemas apenas inspirados pela simpatia e pela amizade, será um desastre estrangular os partidos, exatamente aqueles que estão educando politicamente o povo.

O festejado mestre Gilberto Amado, Embaixador do Brasil junto á O. N. U., escalpelava esse nosso vício, com pitorescas comparações: "Si queremos uma roupa, vamos ao alfaiate. Si queremos um sapato, vamos ao sapateiro. Uma cadeira, será o marceneiro que nõ-la fornecerá, da mesma sorte que o relojoeiro nos fornecerá o relógio. Si temos uma demanda, é a um advogado que nos dirigimos. Si estamos doentes, procuramos um médico. Mas que paradoxo! Só para governar é preciso não ser preparado. Os grandes partidos improvisam, da noite para o dia, "os gênios" que devem desempenhar os mais altos e espinhosos cargos. Como Minerva saiu da cabeça de Júpiter, tais partidos dos que pretendem impôr às massas homens sem a menor experiência".

Essa teoria que vem dominando o nosso país não é, porém, uma teoria, um ponto de vista de homens políticos ambiciosos, queremos dominar através de figuras de palha?

Os que pretendem reformar a lei eleitoral, antes da próxima sucessão presidencial, invalidando os registros do Partido Libertador, do Partido Republicano, do Partido Social Progressista, do Partido de Representação Popular, serão, evidentemente, os co-veiros da Democracia.

TIM-TIM

por TIM THIM

Nunca vi diretor de jornal mais "carrapato" que êsse Jota Jota Barreto, desta fôlha. Tendo assumido com êle o compromisso de uma crônica semanal, agora nem posso mais viajar, que o diretor não deixa.

E, quando chego, nem tempo de arranjar assunto eu tenho. De jeito que, assim como estou fazendo, pretendo cumprir o compromisso, entregando ao insistente Jota Jota as três laudas cheinhas.

Pedi-lhe assunto.

Ele gritou de lá do fundo:

— O Dedé está muito em evidência, nas páginas de outro jornal, dê uma ripada nele, mas a favor...

Sem outro qualquer tempêro só posso dizer, como digo:

— Dedé, estou contigo. E olhe que tem gente se babando porque desfruta a confiança de um grande amigo com responsabilidade de mando na atual situação.

x x x

O Filipe, das Filipetas, será julgado por u'a mulher, a Doutora Iete Bomcar, titular da 11ª Vara Criminal.

Sujeito de sorte, o Filipe.

E, por falar nele, agora, vê-se, está melhorando o golpe. Habilitou todos os de confiança, os do peito, como credores de altas quantias, na falência.

No fim, dêsse jeito, não tem como sair com o dinheiro.

Um crâneo o Filipe.

x x x

Até aqui eu vim, mesmo sem assunto. E o Jota Jota atucanando assim:

— Toca o barco. Toca o barco...

Continúo tocando o barco.

x x x

E vai indo mesmo a remo.

x x x

Tenho de render minhas homenagens a dois grandes cinegetas, o Amin e o Arnaldo. Só a êles não. Também a seus cães. Principalmente os paqueiros, adestrados *comme il faut*, pelo Dr. Vítor Mendes, grande caçador.

Na última que êles fizeram, contando a habilidade de uns e outros, isto é, caçadores e cães não rende nada. Nada não, que o Amin, na churrascada, meio *acervejado*, desfrutou as delícias macias de u'a mesa feito cama e uma janela feito travesseiro.

Foi o que se aproveitou.

Grandes caçadores, o Amin e o Arnaldo.

Pensa o diretor que tenho tempo, a rabiscar coisas para "O Tempo". Como o dito esteja andando, paro por aqui a aproveitá-lo em coisas mais urgentes.

x x x

Até a próxima edição, quando eu tenha assunto e já tenha passado a desilusão de quem se deu ao trabalho de ler isto...

O TEMPO

J. J. BARRETO

O jornalismo não se faz de exploração de questões pessoais, não deve desviar-se do seu papel superior, desvirtuar sua finalidade educativa e social para cair no sensacionalismo estéril, alimentando e aprofundando desavenças de tal caráter.

Contamos a publicidade do estilo corriqueiro que visa aguçar rixas, nutrir discórdias e diferenças pessoais. De comum, perseguimos o roteiro inicialmente traçado, mesmo com prejuízos de ordem material, mesmo que não nos entendam depressa e fiquem conjecturas sôbre intenções ocultas ou atitudes parciais que não temos.



Na opinião que transmitimos somos moderados. Podemos modificá-la ou retificá-la quando erro houver ou quando ocorrer uma interpretação menos feliz sôbre os atos e fatos por nós apreciados.

Mas não deixaremos de registrar e opinar com merecido realce os conflitos entre homens públicos ou entre partidos políticos, sempre que sejam frutos de cuidados extremos e vigilância ativa pelas cousas da administração pública ou de interesse coletivo. O povo não deve ficar alheio a isso e a imprensa é a sua fonte natural de informações e esclarecimentos dos assuntos que de perto lhe tocam.

Nosso propósito, pois, é fazer jornalismo que ajude a elevar o nível do comportamento humano no nosso ambiente. Nossa opinião tem de refletir sensatez, crítica construtiva, equilíbrio, noção de responsabilidade, independência. Só assim estaremos prestando serviço ao povo.

Foi com este espírito que "O TEMPO" através do seu redator Osmar Cook, colocou em foco a divergência que houve ou que há entre o Deputado Oswaldo Cabral e o Secretário da Agricultura de Obras Públicas João Collin. Vimos nela uma desinteligência não de fundo estritamente pessoal, mas produto de zelo pela orientação da vida administrativa do Estado. Tanto o Deputado como o Secretário Collin foram ouvidos como era recomendável.

A entrevista do deputado consistiu não só numa crítica severa às diretrizes do Secretário Collin no setor do D. E. R. como numa acusação ao critério adotado na aquisição de gado, no Rio Grande do Sul. Todavia, o que resulta do depoimento-resposta do senhor João Collin, devidamente documentado, é uma conclusão lisonjeira a seu favor: a de estar agindo com probidade, eficiência e decoratino. Demonstrou soberbamente sua norma de conduta à frente da Secretaria que lhe confiara o Governador Bornhausen, desfazendo a impressão de haver procedido nos

INDEPENDENCIA ECONOMICA

A palavra do sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, à tarde de domingo último, no pátio do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, foi de saudação ao povo, pela passagem da magna data do Brasil.

Não foi, como os jornais previram, manifestação do Govêrno em congregar os mais expressivos líderes dos partidos políticos, para ação decisiva de construção, em clima de paz e harmonia, que todos aspiramos, da grandeza da Nação. Não foi a expressão do desejo de formar ministério apolítico, como no Govêrno do General Dutra, em que os auxiliares dirêtos do sr. Getúlio Vargas, fôssem retirados dos quadros das agremiações partidárias...

Mas, foi a fala do Chefe da Nação a repetição da arcaica tese de que "não haverá Independência política sem a Econômica". O sr. Getúlio Vargas, pelo espaço de vinte minutos, ocupou-se das possibilidades econômicas do Brasil, país rico, país que pode cumprir os seus destinos de independência face ao seu potencial na indústria... Ocupou-se em afirmar que o Brasil possui parque industrial dos mais promissores e que é respeitado pelas Nações porque pode se orgulhar das suas fábricas, da sua produção, etc. etc.

E, assim, dentro dessa tese patriótica, o Chefe da Nação fez rápida saudação ao povo brasileiro, no dia 7 de Setembro de 1952.

casos ventilados sob inspiração regionalista ou através de critério lesivo ou prejudicial.

Oswaldo Cabral, cujo espírito público ninguém põe dúvida, não sai desmerecido no conceito em que o temos. Agiu êle com o intuito louvável de colaborar com o executivo estadual. Quis chamar a atenção do govêrno sôbre um setor que lhe pareceu vulnerável diante de dados coligidos. E o fez com certo ímpeto.

As explicações do Secretário Collin, porém, mataram a questão em termos altos, dignos de encômios. Destruíram ponto por ponto a série de imputações feitas pelo deputado.

Não há mais razão para ficar entre os dois qualquer ressentimento. Collin deve reconhecer que o deputado lhe deu uma oportunidade magnífica para elevar-se mais junto ao govêrno e situar-se melhor no conceito público. Todos sabemos que foi um ótimo Prefeito na sua terra natal e já se está impondo como um excelente homem público, um grande Secretário de Estado.

In... Discrições

As comemorações do DIA DA PÁTRIA, êste ano, excederam à expectativa. O povo, êste que concorre, com o seu verdadeiro espírito de solidariedade às manifestações de pensamento dos que administram a coisa pública, deu todo brilhantismo para que a data fôsse assinalada com a sua presença às solenidades cívicas que se levaram a efeito, na manhã de sol e alegria de 7 de setembro. As crianças, cujo sentimento cívico tiveram despertado ante o desfilar dos soldados, manifestaram, de público, a sua gratidão àquêles que, a 7 de Setembro de 1822, levaram de vencida a campanha que culminou com a nossa Independência Política.

Nas comemorações dos dias presentes, os governantes se preocupam com a Independência Econômica, porquanto desta depende, infalivelmente, aquela. Êste o ponto alto do discurso do sr. Presidente Vargas, acentuando que o Brasil, hoje, pelas suas possibilidades industriais, alcançou situação de respeito e independência no conceito das Nações do Mundo.

â x x x

15 prêsos, recolhidos à Delegacia Regional de Polícia da Capital, usaram do direito da conquista da liberdade... Mas, quando estavam quase saudosos para darem às de Vila Diogo, um dos soldados descobriu a manobra, fechando-os a sete chaves... Enquanto isso, ainda se fala em não aumentar vencimentos dos pobres guardadores da autoridade policial...

No caso, há a consciência sobrepondo-se aos interesses pessoais... Pelo menos, aos interesses dos prêsos que se interessavam em ganhar a liberdade...

x x x

Os funcionários federais e autárquicos reuniram-se no Clube Doze de Agosto, domingo último, para debaterem assuntos de seu alto interesse. O que pediram êles? Nada além de alguns cruzeiros mais...

E os estaduais? Permanecem isolados, apáticos, como se estivessem fartos de tanto dinheiro... Não dizem nada, e vão dedilhando o seu colar de queixas e reclamações, em surdina... São uma força isolada, que não pode passar do que é... Enquanto isso, o Governo do Estado vai construir algumas belas obras do seu governo... Já pode ser algo de notável, ante tanta falta de presença de ação...

x x x

Teremos, para breve, novidades políticas em Santa Catarina, segundo anuncia o FRECHANDO, de Guilherme Tal, em O ESTADO. Vai haver mudança de elementos, nos postos-chaves administrativos. A recomposição do Secretariado do sr. Irineu Bornhausen será medida que, levada a sério, concorrerá para outros rumos na política barriga-verde...

Confirmando-se, todavia, a notícia de que o sr. J. J. de Souza Cabral retornará à pasta da Justiça, então poderemos acreditar que êsses rumos serão certos. O ilustre homem público, líder da U. D. N. na Assembléia Legislativa, quando êsse partido estava na oposição, merece destaque no Governo que êle ajudou a constituir. Justiça, justiça que merece aplausos gerais.

Acontece cada coisa...

OSMAR COOK

Quando eu me encontrava na direção da Rádio Araranguá, me apareceu por lá um determinado senhor respeitável, que pretendia homenagear o vigário da paróquia, com o bolero VAGABUNDO, cantado por Pedro Vargas. Aconteceu, porém, que eu havia recebido inúmeros pedidos de dedicatórias, já que o vigário, que é meu ilustre amigo, estava de aniversário. Mas... aconteceu mais ainda: o disco trazia sentido depreciativo, pois que o ofertante era inimigo, por questões que não vêm ao caso, do referido vigário.

Dou esta explicação, para comprovar que muita vez uma emissora irradia alguma coisa — e dela não tem culpa, por rrisso às vezes nascem mal entendidos. (Ainda não é possível criar uma polícia secreta dentro de cada radio-emissora...). Sou radialista há seis anos, e não acredito que uma ou outra vez uma emissora não cometa a sua gaffe.

Dada essa explicação de introito, passo à crônica própria dita:

x x x

Rafael Digiacomo, vocês devem conhecer, foi um dos mais votados vereadores de Florianópolis. Talvez o mais votado — não me lembro... Mas, acima disto, Rafael é "um grande praça". De uma personalidade cativante e de uma honestidade à toda a prova. Foi eleito pelo P. S. D... o que não quer dizer nada. Já tenho visto tantos safadinhos na U. D. N., no P. S. P. ou em quaisquer outros partidos, que já me acostumei a escolher personalidades para os meus votos, e não partidárias.

Bom. Isto não interessa.

Imagine, amigo leitor, que Rafael, conforme é do domínio público, de motu-próprio, adquiriu vacinas ou deu jeito em obtê-las, e vacinava o seu distrito eleitoral (Saco dos Limões), contra a varíola. Satisfeito da vida, cheio de vida, e confiante na vida, lá estava o Rafael.

E trabalhou o dia inteiro (o fatídico dia, sem saber das novidades que corriam a seu respeito). Imaginem que a Rádio Guarujá matou-o. Sim senhores, Rafael havia ido ao

céu, com passagem gratis, por conta da Rádio Guarujá...

Na verdade, Rafael não teve atrapalhação nenhuma, pois que um amigo que com ele havia conversado, cientificou de viva voz a todos os parentes e amigos conhecedores da notícia, que Rafael estava lá nos Sacos dos Limões, vivo e são, com a graça de Deus e de sua saúde...

Mas... isto com relação ao Rafael... Mas, e os amigos? E os parentes que ascendem a casa dos cem?... E os cor-religionários?... Ah! Deus... Que reviravolta! Ninguém podia telefonar, porque a desgraçadíssima telefonica catariense continuava com os mesmos fios de 1918... Ninguém podia ter uma notícia fidedigna!

— Ah! mas se o Rádio deu, é porque Digiacomo morreu mesmo. E lá ficou dolorosamente chorada no coração de todos os parentes a morte de Rafael. Era um anjo que voltava ao céu, mas afinal de contas, êle estava tão bem aqui — comentavam uns...

E houve os que, naturalmente, já procuravam corôas... Chegaram a telefonar para uma empresa funerária, para saber do caixão, etc. etc... (E' a pura verdade o que estou contando, caros leitores!).

Quando o desmentido radiofônico chegou, e depois apareceu o Rafael, foi também uma revolução nos sentimentos. Antes os que choravam, riam. Antes os que sofriam, se rejubilavam...

Contou-me o Rafael que dêsse que vivem a vida, um garotinho sem-vergonha, aprendendo nela e não nos livros, vendo-o vivo, perguntou, com a maior frieza do mundo: Seu Rafael, como é lá em cima?...

O bom Rafael sorriu... E nós...

x x x

Agora umas palavrinhas ao Rafael.

Velho, congratule-se consigo mesmo. Você teve uma prova cabal, como homem, como cidadão, como político, de que é estimado...

Dê-se por satisfeito, e viva os restos dos anos que lhe so-

(Continúa na pág. 13)

O Tarado de S. Paulo

Querendo demonstrar que não tinha qualquer responsabilidade no crime sexual contra a sra. Lídia Lisboa da Silva, de 43 anos, e que esteve, ontem, na Delegacia paulista para acusá-lo, o monstro Benedito Moreira Carvalho mencionou a imensa lista de suas vítimas, destacando:

— Vejam, só tem menina ou mocinha. Nunca me interessei por uma velha como essa que está aí me acusando. Ela é uma mentirosa.

ATENTADO EM POÁ

Lídia Lisboa compareceu à delegacia pedindo para ver Benedito. Tinha desconfiança de que fora ele o seu agressor, em Poá há coisa de anos passados, levada à presença do criminoso entre várias pessoas do seu tipo de louro, d. Lídia foi em cima apontando Benedito.

Com isso, êle ficou zangado e quase agrediu a mulher. Gritava a plenos pulmões:

— Nunca vi essa mulher. Nunca me interessei por velhas. Não adianta porque não assumo responsabilidade pelos crimes dos outros. Os meus, eu já disse, confesso todos, direitinho, vou prá cadeia e pronto.

A PERSONALIDADE DO ASSASSINO

Estudando a letra de Benedito com a qual fêz o ról de vítimas, encontrado na sua casa, o grafologo Frederico Kosin concluiu o seguinte, sobre a sua personalidade:

“Fica patente que se trata de UM INTROVERTIDO EGOCENTRICO E-QUI-SOTIMICO POR CONSTITUIÇÃO conforme a classificação do psiquiatra Kretschmer, recalçado na procura de contacto social, gravemente neurastênico e ambivalente no querer e sentir, com destacada fraqueza de conseguir lógicas conclusões, sendo porém um inteligente observador de detalhes e do concreto, com boa inteligência natural e perfeita clareza na disposição. A grafia acusa fora da dúvida o “coup d’ocil” dos franceses, quer dizer o hábito de pensar antes de agir e de

agir sem precipitação e sem impulsividade. E pelo contrario, provado em cada palavra uma fundamental desconfiança. A fotocópia não fornece indicações de perversão sexual, pelo contrário em numerosas palavras um destacado subdesenvolvimento no setor do “libido sexual”.

Fica aberta a possibilidade de existir congestão explosiva de energias sexuais, cuja normal descarga era impossível. Mas tal situação somente se pode provar pelo estudo de grafias originais retocadas.

No setor da adaptação ao ambiente social existem graves recalques especialmente falta de qualquer harmonia. Mas a grafia não fornece indicações destacadas para permitir a suspeita de debilidade mental ou perversão sexual. Leves indicações para explosões por sensibilidades em consequência de desequilibrada autoconfiança são normais em milhares de grafias”.

O TERCEIRO CRIME

O criminoso confessou que realmente atacou a jovem Marcilia de Oliveira Souza, no dia 22 de julho próximo passado, num atalho em Parada XV. Negou, contudo, que a tivesse matado. Disse que, depois de have-la dominado, violentou-a, deixando desfalecida, mas que teve o cuidado de afrouxar o laço da corda com que apertou-lhe o pescoço até quebrar-lhe a resistência. E, que quando fugiu, a mulher ficou em estertores dos quais pensou pudessem chegar a sobreviver.

Benedito não omite pormenores e fala mansamente como narrasse fatos de uma vida normal.

Não obstante a sua espontaneidade, não há certeza absoluta de que foi êle o autor de tantos crimes sexuais.

ATACAVA, APENAS

Benedito não aceita que o dêem como criminoso de morte. Diz nunca matou ninguém. Quanto às sete mortes resultantes dos seus atentados sexuais, esclarece que apenas levava suas vítimas, pelo es-

trangulamento ou enforcamento, até o desmaio, ponto no qual as socorria, quer afrouxando a corda ou procurando reanimá-las.

Assim, afirma, foi no caso de Marcilia.

Marcilia era casada, contava 19 anos e seu cadaver foi encontrado pelo esposo e seus pais que a procuraram dois dias seguidos.

INFANCIA SOFRIDA

De quando em quando, no curso do interrogatório, Benedito procura dar a entender que não é um perverso nato e recorda que era um menino bom. Atribui a sua anormalidade à parte da infância sofrida que viveu. E acusa seu pai, de quem apanhava muito, na cabeça, no rosto e na nuca. Diz que apanhava tanto que chegava a ficar tonto. Muitas vezes pretendeu vingar-se do pai a quem passou a odiar por lhe infringir tantos suplicios.

Durante os dias em que está preso, pergunta constantemente pela esposa, pedindo às autoridades que não a deixem sofrer.

CLIENTE DE CURANDEIROS

A polícia já não tem mais dúvida de que Benedito é um anormal. Ele mesmo revelou que recorria, seguidamente, a curandeiros para arrefecer os arroubos sexuais que o impellem aos atentados contra mulheres e crianças.

Aliás, a desordem psíquica que transparece nas atitudes e nalgumas expressões do criminoso está deixando certa dúvida na Polícia que se acredita ser ele o autor de vários dos crimes, não parece inclinada a admiti-lo, o responsável por tôda a série. Daí porque Benedito será submetido a rigoroso exame psiquiátrico, paralelamente ao interrogatório.

Um Deputado Que Faz Jus Ao Seu Mandato

A Comissão de Finanças aprovou uma emenda feita pelo deputado catarinense Wanderley Júnior, que concede Cr\$ 500.000,00 para a abertura da barra da Lagoa. Lagoa dista da capital de Florianópolis, 14 quilômetros e é uma notável zona piscosa, onde existem as mais variadas espécies de peixes. E' sabido que a barra da Lagoa desde longo tempo está fechada, ocasionando sérios problemas de ordem econômica ao laborioso povo que habita aquela circunvizinhança. Com o fechamento daquela barra, grande crise alastrou a população do leste da Ilha. Nossos mercados sentiam logo a falta de afluência dos peixes, dantes vindos daquela zona.

Precisamos consignar ainda que, a verba acima citada, foi aprovada por unanimidade na Câmara Federal e que o deputado barrigaverde está se empenhando ainda no Senado por conseguir mais dinheiro para concretizar a grande obra de fim filantrópico.

Lagoa, aquela localidade voltará ao seu antigo bem-estar econômico, e sobretudo a cidade de Florianópolis.



Ao grande catarinense, que lá da sua cadeira, na Câmara Federal, impunhou a arma da palavra em benefício de seus conterrâneos, nós nos congratulamos com S. Excia., e deixamos o nosso incentivo ao grande homem público a aos demais catarinenses, que fora de sua terra, procuram levá-la sempre ao mais alto conceito de terra de homens briosos.

Consentiria você que o matassem?

Os problemas da eutanásia apaixonam, neste momento, mais que nunca, o mundo inteiro... E muito nos surpreenderíamos que, lendo o presente artigo, você não o comentasse em casa, com a família e também com os amigos, no escritório, em toda parte...

Todo o mundo leu — e comentou com calor — o caso sensacional da filha que matou o pai, para que cessasse de sofrer, fato que emocionou principalmente a população de Porto Alegre, onde o drama ocorreu. E, como êsse, muitos outros, aqui mesmo ou um pouco adiante, por todo o mundo civilizado. No estrangeiro, um dos casos mais emocionantes, sem dúvida, foi o chamado "Caso Sanders". Todos leram que êsse médico norte-americano acabou sendo absolvido depois de haver — conforme confessou — "acelerado" a morte de uma doente.

Mas a bem dizer, o caso não foi julgado a fundo. Nesse processo Sanders, de fato — e porque os advogados tiveram medo da enormidade da questão — não ousaram tratá-la, em seus debates, até ao fim, tendo simplesmente passado "de lado", de sorte que o problema permanece intato.

Sanders afirmou que não se considerava culpado. E seus defensores logo procuraram salvá-lo, declarando que a vítima "teria morrido de qualquer maneira"; que, fôsse como fôsse, a injeção fôra dada quando a agonizante já podia ser considerada defuncto; que, em tais condições, não tinha havido assassinato e que, não estando o fato provado, tornava-se difícil discutir com o médico sobre o seu direito de assim agir. Dessa forma o acusado contornou o perigo e pôde escapar à condenação; mas a verdade é que os debates contornaram o problema...

Lemos, mais recentemente, nos jornais que uma senhora, não suportando mais ver o sofrimento de um irmão, a quem muito amava, matou-o, pondo um fim ao seu martírio.

Ainda no dia 7 de maio último, os jornais publicaram

um telegrama vindo de Haia, Holanda, relatando que um homem de 33 anos, em Eindhoven, apresentou-se à polícia, declarando que obrigara seu filho, de dois anos e meio, considerado incurável pelos médicos, a engolir dose mortal de um suporífero. Foi para aliviar o sofrimento da criança que o pai tomou a decisão de matá-la. Esse é o segundo caso de eutanásia, assinalado na Holanda, o outro tendo ocorrido, na mesma cidade de Eindhoven em março último, quando um médico foi condenado a um ano de prisão por ter, propositadamente, administrado doses mortais de morfina a seu jovem irmão, atacado de tuberculose e julgado incurável. E assim os atos de eutanásia vão sendo praticados! E' de se jurar que assim se criam as modas ou, mais exatamente, os contágios. Mas não pensem que terminamos de registrar casos análogos. Como, na verdade, não ficar emocionado?

x x x

Podemos considerar a eutanásia sob três ângulos: do ponto de vista religioso, do ponto de vista psicológico, e do ponto de vista social. O que faz com que sempre apaixonem as pessoas, que a discutem com ardor, é, justamente, que essas pessoas sempre misturam os três pontos. E entram a se combater... porque não falam da mesma coisa.

Do ponto de vista religioso, é fora de dúvida que não há utilidade em interrogar um padre, seja qual fôr sua religião. A sua resposta já está traçada antecipadamente e não tem êle o poder de mudá-la.

Diz o Evangelho: "Não matarás!" E' pecado mortal suprimir a vida e, em nenhum momento, o Cristo deu a seus Ministros o direito de sustar essa interdição.

Ninguém tem o direito de tomar em suas mãos a vida de um ser, nem sequer a própria!

Pode haver casos em que se justificaria o suicídio por graves e terríveis razões. Por exemplo, quando um ser verdadeiramente desesperado é arrastado a uma situação para

a qual não vê saída (porque o suicídio por simples desgosto da vida é uma estupidez, dado que a vida muda e traz, mais cedo ou mais tarde, novas esperanças)... Mesmo então, a religião proíbe o suicídio. E os Ingêleses, protestantes, vão ainda mais longe. Entre êles o suicídio é um delito. Censuram aquêle que escapou de haver "atentado contra a própria vida". Dizem que êsse indivíduo "tentou roubar a própria vida". Ora, se êle "roubou" é porque não admitem que a vida lhe pertença... Portanto, se não podemos tomar (ou roubar) na própria existência — sobre a qual admitir-se-á, até um certo ponto, que temos um direito de zelo — estamos mais proibidos, ainda, de suprimir a vida dos outros! A regra é categórica. Nenhum religioso poderá afastar-se dela! Entretanto, alguns espíritos sutis fazem objeções. Opõem a essa regra absoluta e evangélica, outra regra: "Ama o teu próximo como a ti mesmo", e êsse conselho tão pouco seguido: "Fazer aos outros o que desejarias que te fizessem". E' do mais alto ponto evangélico servir ao seu vizinho. E, quando se é testemunha, por exemplo, de um acidente terrível, se um dia — o que é frequente nas grandes catástrofes ferroviárias — vemos um desgraçado ferido, que nada poderá salvar e que nos suplica que o matemos, não seria, num sentido, evangélico matar o desgraçado.

Os religiosos não concordarão; mas certos espíritos modernos dirão que sim, que é um ato de caridade evangélica.

Alguem, nos revelou ter visto, na última guerra, um rapaz que recebera uma rajada de metralhadora no estômago — e não pode haver nada mais doloroso do que um tal ferimento! O desgraçado estava perfurado como u ma escumadeira. Não tinha, verdadeiramente qualquer possibilidade de salvar-se e, já quase sem forças, num último alento, suplicava que o matassem.

Em seu redor estavam duas dezenas de seus companhei-

ros, todos êles armados, até aos dentes. Nenhum fêz um gesto... Viu, igualmente, ainda durante a guerra, muitos feridos graves e que não tinham mais de duas horas de vida. Entretanto, nunca viu um médico, nem sequer (com mais forte razão) um camarada acelerar seu fim. O máximo que podemos pensar — e em nosso espírito é um elogio que fazemos aos médicos — é que alguns têm a caridade, quando vêem um desgraçado absolutamente perdido, de o deixar morrer sem torturar ainda mais, prolongando-lhe a vida em vão!

Da mesma forma que há pecados por ação e por inação, poderíamos dizer, aqui, da eutanásia, que também pode haver por inação. Vimo-la em várias ocasiões. Sem dúvida, na guerra e em muitos outros casos, os médicos utilizam a morfina, com um desanimado levantar de ombros e dizem em voz baixa: "Deixem... Não tem muitos minutos de vida..."

Vieiros, igualmente, no nosso círculo de relações, um grande médico, de quem guardamos o mais profundo respeito e estima, e que podia ganhar uma pequena fortuna, operando inutilmente uma enfôrma de câncer, dizer:

— Ela tem vida apenas para um ou dois meses mais. E' possível que, operando-a, eu possa prolongar-lhe a vida por outros dois meses. Porém isso seria ao preço de atrozes sofrimentos. Ela já passou o ponto em que podia tomar, ela própria, uma decisão. Acresce que é uma grande cristã, maravilhosamente resignada à morte...

Que decidiu a família?

Êsta não tinha a menor intenção de herdar, mas concordou com o médico: era melhor deixar a enfôrma tranqüila!

E a santa criatura morreu dois meses mais cedo, sofrendo menos.

E' possível falar de eutanásia? A nosso ver não se poderia fazer qualquer censura a êsse grande médico, que recusou lucro fácil para poupar a sua enfôrma sofrimentos

(Continúa na 7ª pág.)

Consentiria você que o matassem ?

(Continuação da 6ª pág.)

inúteis.

Mas é um fato: encontramos pessoas que responderão, de uma maneira um tanto teórica, que era preciso fazer a intervenção, proibindo essa eutanásia, porque, se tal caso parece hoje desesperado, prolongando-se a vida do doente por um ano ou dois, podia haver a possibilidade de surgir o remédio salvador, que lhe conservasse a vida.

Entramos, aqui, na casuística. Os descobrimentos não se processam dessa maneira rápida e dramática. Sem dúvida, vivemos uma época de maravilhas, pois que há alguns anos, a tifoide durava quarenta dias, matava geralmente os seus doentes ou deixava os desgraçados diminuídos para a vida. Graças à fomicina, debela-se o mal, hoje, em poucos dias; ao mesmo tempo o doente não sofre mais os medonhos quarenta dias desse longo suplício que era a tifoide.

O mesmo ocorre em matéria de pneumonia; os efeitos da penicilina, das sulfanilidas e outros processos são quase miraculosos. Tivemos, em nossa vizinhança, um caso de pneumonai que durou sessenta dias e no qual o atacado quase perdeu a vida. Atualmente é possível jugular o mal em 4 dias.

Porém tais descobertas não se concretizam em vinte e quatro horas. E, quando há eutanásia — no caso Sanders como em tanto outros — é que, realmente, uma pessoa sofre há muitos anos e os seus próximos parentes, num indiscutível movimento de caridade, pensam em suprimi-la.

Se há oposição, ainda assim, à eutanásia, não será talvez totalmente por uma razão religiosa. Poderá ser pelo que chamaremos, polida e irônicamente, de "espírito de família".

Em certas famílias ricas, ocorre prolongar-se a vida de alguns membros com relutância, e, talvez, também, porque certos médicos dão prova de zelo infatigável.

E' conhecido o caso de certa família que ofereceu um baile na mesma noite em que sua avó começou a morrer.

Reuniram em redor do seu leito, sabe Deus quantos médicos especialistas e enfermeiros, e começaram a picá-la com injeções, a amparar-lhe a vida por todos os meios, para que aguentasse quarenta e oito horas!

Foi um anoite emocionante. Todos os convidados aguardavam a notícia e cochichavam entre si, perguntando se iriam deter a distribuição dos "petits-fours".

O resultado foi realmente extraordinário, pois não somente a avó não morreu como um ano depois ainda vivia — para a maior consternação dos herdeiros.

Ela era imensamente rica. Na Europa, principalmente no campo, ninguém é imensamente rico, mas todos têm grande amor aos seus vinténs. E, no entanto, nem sempre essas "heranças aceleradas", de que os jornais europeus estão cheios, terminam nos tribunais. Algumas, porém, são tão violentamente executadas, que a justiça se ocupa e os jornais chegam a relatalas em páginas inteiras.

Mas quantas outras passam ignoradas?

Entre certos camponeses brutais, a eutanásia é praticada pela projeção vertical da avózinha... no poço!

Entre outros, mais prudentes, preferem não cuidar do velho que teima em viver; em último recurso privam o desgraçado de toda alimentação! Enfim, não há dúvida de que lhe darão um empurrãozinho, com a ponta do dedo, se fôr necessário.

E' conhecido o sermão que o povo de uma aldeia francesa, ouviu, certa vez. O fato ocorreu na aldeia de Dordogne.

O cura subiu para o púlpito e disse aos seus ouvintes:

— Espero que todos tomem boas resoluções para o ano novo, que se aproxima. Não posso afirmar que todos estejam destinados ao inferno, mas há, nesta paróquia, muita gente que faria bem procurando ser melhor, se quer realmente comparecer diante do Senhor. Não sou eu quem irá infringir o segrêdo da confissão; mas, se eu falasse, haviam de ouvir lindas coisas!

"Desejaria ouvir de alguns (não os designarei...) a promessa de que não continuarão a apressar a morte de seus maiores. Houve, nesta comuna, bom número de casos em que pessoas idosas e dispendo de certa fortuna foram chamadas ao seio de Deus... que não as esperava tão cedo..."

E' preciso desconfiar das famílias, sem o que o coqueiro sóbre o qual estão instalados os avós, os tios e outros parentes idosos e ricos, talvez recebam violentos empurrões...

"Se se admitisse que uma só pessoa, influenciada pela família, pudesse desejar acabar com os sofrimentos de um avô bem recheado de francos, a mortalidade dos velhos aumentaria, na França, de vinte e cinco por cento..."

Isso, pelo menos é o que afirma Alain Janvier, de cuja crônica sobre a eutanásia em geral — e particularmente em sua pátria extraímos essa e outras informações.

E acrescenta:

— Devemos admitir que isso foi o que ocorreu em numerosos casos, em matéria de alienação mental. Há, sem dúvida, na França, uma maioria de loucos verdadeiros; mas há, igualmente — e vemos isso entre os inventores em particular — loucos completos e que, no entanto, ninguém se lembrou de trancar num asilo!"

Mas não só em Paris. Em todas as grandes cidades vemos muita gente falando em plena rua. E quando se conta "a última" de algum desses loucos, é apenas para provocar o riso geral.

Mas, quando sabemos que alguém, riquíssimo, foi considerado "incômodo" por sua família, que acabou internado o desgraçado e se assenhoreou dos seus bens, essa forma atenuada de eutanásia sempre nos deixa uma impressão angustiante.

Em tais condições, que decisão tomar?

Sempre nos surpreendemos, quando ouvimos dizer: "Fulano foi ser aviador? Mas é um louco! Pode morrer!"

Perdoe-nos o leitor. Mas admita, por um instante apenas, que dentro de cinco

O TEMPO

Semanario Independente

Diretor:

J. J. BARRETO

Redator-Secretário:

HELIO K. SILVA

Redatores:

OSMAR COOK

HAMILTON ALVES

SALVIO DE OLIVEIRA

HELIO B. DOS SANTOS

Redação, Gerência e Publicidade

Rua Tiradentes, 17

Telefone 1445

Cx. Postal, 269

Florianópolis - Sta. Catarina

— Brasil —

Os conceitos emitidos em artigos assinados são da inteira responsabilidade dos seus autores.

anos, de dez anos, venha a ser vítima de uma dessas enfermidades terrivelmente dolorosas: câncer, nevrite, tabes, etc... Não havendo nenhuma esperança de se salvar, consentiria que a família e um médico tomassem a decisão de o matar?

Mesmo os médicos ouviriam a sua resposta com ceticismo.

Alguns, por certo, diriam: "Podemos deixar, como temos feito, pilulas soníferas à disposição de um enfermo, dizendo-lhe, ao mesmo tempo: "Não deve tomar tal dose, pois ela seria morta!" E acrescentariam:

— Em nenhum caso o cliente praticou ou praticará o suicídio..."

Que resta fazer, então?

A morfina em alta dose?

E, se o doente mesmo pedir que lhe tirem a vida, como a cliente do Dr. Sanders?

Mais uma vez: não podemos admitir que uma família, apenas, tome a decisão.

Porém já outros chegam a propor:

— E' preciso pensar, examinar bem o caso... Que a eutanásia possa ser praticada, regularmente, por um grupo de três médicos no mínimo, a fim de evitar qualquer fraude — e com o assentimento do enfermo".

Agora repetimos: Consentiria você que o matassem?

Pergunte a mesma coisa aos que estejam em seu redor, e verá o que respondem.

Conferência promovida pelo Major Jaldyr Faus- tino da Silva no dia da Pátria

Estamos no Dia da Pátria. Vivemos, neste instante, o momento sublime e imorre-
doiro de nossa independên-
cia.

7 de Setembro de 1822.

Dia sagrado, dia bendito, dias de glórias e hosanas, dia em que todos nos, reunidos, concentrados, absorvidos pela mesma ideia, mergulhados nas mesmas cogitações, envolvidos pelos mais puros e elevados sentimentos, diante do altar da Pátria, todos nos rendemos nossas profundas homenagens à mãe comum.

Pulsa mais forte o coração, vibra mais alto a alma, tocada pela mágica mão do patriotismo e penetrando o mais íntimo, o mais profundo recanto da consciência, prestamo-nos diante deste sagrado altar, pedindo perdão e penitenciando-nos dos erros cometidos contra esta Pátria.

Pátria, palavra indefinível, Pátria, sentimento, indecifrável, intraduzível, irmanando, congregando, polarizando e atraindo todos para um mesmo ideal.

Quem poderá traduzir o que é Pátria?

O solo que pisamos, a água que nos mata a sede, a árvore frondosa que nos dá sombra, a ave que vem cantar no beiral de nossa casa, o céu estrelado.

Tudo isso é a Pátria.

O canto sublime com que a jovem mãe adormece no berço o filho pequenino, a história fantástica que a vovó conta nas horas silenciosas da noite, o perfume suave e penetrante das flores de nossos jardins, o animal feroz que vive solto na floresta, o murmurar das cascatas, o táfumo de nossos queridos antepassados, tudo isto é a Pátria.

Tudo isto é a Pátria, porque nos toca a alma, porque nos sensibiliza o coração, porque traz lágrimas aos nossos olhos, porque nos faz derramar o sangue no campo de batalha.

Tudo isso é a Pátria.

"Diante do altar da nossa Pátria, nós, soldados do Brasil, ajoelhamo-nos, contritos, cheios de fé nos destinos do Brasil e orgulhosos da grandeza da nossa terra e de nossa

gente.

Para nós, soldados, só existe um ideal supremo — a Pátria.

Para nós, soldados, só há um gesto — a expressão da disciplina.

Para nós, soldados, só drapeja uma bandeira — o Auri-Verde Pendão de Nossa Terra e nela está inscrito nosso lema — "Ordem e Progresso".

7 de Setembro de 1822.

Existem datas que são eternidades.

"Independência ou Morte". Longe estamos do grandioso espetáculo passado às margens do Ipiranga.

130 anos já se foram.

Longe estamos, é certo, mas o dia de hoje se apresenta idêntico àquele que no peito dos brasileiros que me ouvem pulsa o mesmo coração que pulsou às margens do Ipiranga e o relógio marca, no momento, a mesma hora em que foi dado o brado patriótico de Independência.

O tempo passou, mas a chama sagrada da brasilifado permanece acesa em cada um de nós, no trabalhador que moureja de sol a sol, no operário das fábricas, no homem do mar, no intelectual que maneja a pena e a palavra eleva o conceito do Brasil perante o mundo livre, no militar que no trabalho quotidiano dos quartéis, prepara seus concidadãos para a defesa do Brasil, no sacerdote que no silêncio do claustro ora, pedindo a Deus bênçãos para toda humanidade.

O ato patriótico do jovem príncipe veio concretizar os anseios daqueles que, antes dele, já haviam, em sangrentas lutas, derramado seu sangue precioso pela conquista desta independência e pela integridade desta Pátria gigantesca que nos legaram.

Aquele gesto veio corporificar ideais alimentados anos e anos, por tantos e tantos brasileiros, que desde os primórdios de nossa existência sonhavam com um Brasil independente.

Aquele sentimento de revolta contra o domínio português foi como que a colocação da cumieira, da cúpula de um

edifício que desde séculos atrás já vinha sendo construído.

Há quatro séculos e meio foram lançados os alicerces desta Pátria imensa.

Há quatro séculos e meio entrou em funcionamento esta grande oficina onde mãos de gigantes, incessantemente trabalham, lutam e se empenham com tenacidade às vezes sobrehumana.

E o edifício ganha as alturas, sobe sempre, ora argmassado pelo suor de um trabalho inaudito, ora embebido pelo sangue purificador dos heróis, ora molhado pelas lágrimas generosas da mulher brasileira.

Brasileiros — amas tua terra, aceita meu convite, dá-me tua mão, vamos penetrar no sagrado templo de nossa história; vamos sentir nossa evolução, vamos ouvir o soar de nossos primeiros passos, incertos, lentos, vacilantes; vamos contemplar o semblante dos nossos heróis imortais. O patriotismo tem a virtude de ressuscitar os acontecimentos. Vamos cumprir a tarefa de cada geração que é enobrecer pelo culto os braços da nacionalidade.

Vamos reviver o nosso passado no seu esplêndido espetáculo; vamos ressaltar os nossos heróis na sua hora simbólica e fazer o culto da Pátria, no seu misticismo coletivo — vamos, desta forma cívica, rezar pelo Brasil.

Brilhava, solitária, no céu esplendoroso a estrela Dalva, esta estrela cujo destino é servir de arauto anunciado à radiosa manhã que por certo nos vai surgir. Pouco depois, clareava o dia. Do mastro grande de uma nau ressoa o brado uníssono: Terra!

"Era o monte Pascal surgindo entre os selvagens

Penhascos do oceano!... [eram aves em bando!...

Eram novos sertões!... [eram novas paisagens!...

Era a terra natal que vinha despontando!

Era o Brasil, surgindo entre as verdes paragens dos trópicos em fogo!

E o gigante que dormia sob o leque verde das árvores, desperta do sono primitivo sob a forma de uma ilha descoberta por acaso, batiza-se com a cruz de Cristo e passa a usar o nome das árvores que lhe esbraseavam as florestas.

Mal se havia levantado, ainda tenta e surpreendido acorrentaram-lhe os fortes pulsos com as cruéis algemas da linha das Tordesilhas.

Daqui não passarás, foi a sentença.

Salta para o campo da luta o bandeirante audaz, penetra a mata misteriosa, navega os rios desconhecidos, disa e esmaga o tacão da bota a pretensão absurda de nos limitar o crescimento, destroe, parte em mil pedaços as algemas, liberta-nos do jugo opressor e alarga nossos domínios. Sem a obra sobrehumana dos bandeirantes o Brasil não seria o que é hoje.

Em o esforço destes heróis não teríamos este imenso território.

Lá estão eles no panteon da Pátria: Fernão Dias Paes Leme, Antônio Raposo Tavares, Dias Velho, Brito Peixoto, Domingos Jorge Velho e tantos outros.

As aves de rapina daquela época sentiram ao longe a presença desta presa fácil e ainda indefesa; bateram suas negras e agourentas azas, atravessaram o oceano, aqui vieram esvoaçar e com seus aduncos bicos procuraram acutilar e apossar-se de quinhões deste torrão privilegiado.

Franceses, holandeses, ingleses, todos tentaram a conquista sem resultado.

Se resultado porque esbararam com a bravura indômita de brasileiros que apenas começavam a balbuciar ainda as primeiras palavras de amor à Pátria e sentiam as primeiras pulsações de um coração que já saltava no peito ao ouvir o nome sagrado do Brasil. Quando em Pernambuco, tudo já parecia perdido e consolidada a vitória dos holande-

(Continúa na 9ª pág.)

Conferência promovida pelo ...

(Continuação da 8ª pag.)

zes, as três raças formadoras de nossa raça, levantam-se num gigantesco esforço, braços dados, partem resolutos para o campo de batalha.

Guararapes é o nome desta página de nossa história.

Henrique Dias, o negro; Filipe Camarão, o índio; Vidal de Negreiros, o branco, as penas de ouro que a escreveram.

E assim, alicerçaram pelas graníticas pedras da bravura, do despreendimento e da tenacidade de seus filhos, a Pátria cresce sempre.

Continuemos a percorrer o templo sagrado da história Pátria e ajoelhem-nos diante de cada altar.

Lá está o tenente Antônio João com seus 15 bravos. Frente a eles mais dez paraguaios exigindo a entrega da posição que defendiam.

Um punhado insignificante de brasileiros e a resposta audaciosa: "Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros, servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria".

Tomba Antônio João, tombam seus companheiros e o Brasil permanece intacto.

Esboça-se uma paz pouco honrosa para nós nos campos do Paraguai e surge o protesto da mulher brasileira.

Rosa da Fonseca, lança o grito angustiante de uma carinhosa mãe que possuía sete filhos na guerra contra o Paraguai:

"Prefiro não ver mais meus filhos! Que fiquem antes todos sepultados no Paraguai, com a morte gloriosa no campo de batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para nossa Pátria".

E depois, com a nossa vitória, ilumina a fachada de sua casa, enfeita-a de flores e bandeiras e declara:

"A vitória que a Pátria alcançou e que todos foram defender, vale muito mais que a vida dos três filhos perdidos".

Fugia de nossas mãos a vitória no combate da ponte de Ipororó.

"Vejam, soldados, como morre um general brasileiro". Este foi o brado do general Gurjão.

Em seguida, Caxias: "Si-

gam-me os que forem brasileiros". E a vitória era nossa.

Os holandeses perdiam terreno em Pernambuco.

Ocuparam uma casa de engenho. Perdidos, colocaram mulheres brasileiras à janela como anteparo as balas.

"Atirem. Não se importem conosco! Atirem." Este o grito destas bravas pernambucanas para os nossos.

Correspondendo a tão grande e inaudito heroísmo à abnegação indescritível de nossos bravos patrícios, nossos homens não atiraram, mas tomaram a posição empregando a lança e a espada honrando desta forma nossa bravura nosso cavalherismo.

Estes os motivos do pulsar mais forte de nosso coração, do vibrar mais alto de nossa alma.

Nenhum de nós pode ficar indiferente ao toque do clarim de uma jornada com esta.

Homens e mulheres, combateram, lutaram e tombaram sob o peso inaudito, sob o esforço imenso, todos com os olhos fitos na grandeza da Pátria.

Maria de Souza, já havia perdido três filhos, ainda lhe restavam dois e a eles dizia:

"Hoje foi vosso irmão Estevão morto pelos holandeses; a vós agora toca cumprir o dever de honras honrados. Gingi as espadas, quer vingueis vossos irmãos, quer sucumbais com eles, não degenereis deles, nem de mim".

O 30º Corpo de Voluntários da Pátria era composto de caboclos de Jacuipê. Dizia, com orgulho seu comandante: "O 30º sabe tudo, manobra admiravelmente. Só uma coisa nunca poz em execução: uma retirada".

Em uma noite de cerração fechada, o inimigo, favorecido pelo nevoeiro espesso, pôde esgueirar-se por dentro do pequeno banhado, indo cair sobre este batalhão.

Despertado pela cutilada traiçoeira dos paraguaios perdido na densa neblina que o cercava, mal pôde o 30º organizar-se. A luta foi travada de qualquer maneira.

Num dado momento um cabo ergue-se ferido, vê morto o oficial porta bandeira e

seus cinco companheiros. — Levaram nossa bandeira!

Um calafrio horrível percorreu a espinha do invicto batalhão. Ouviu-se o grito doloroso do comandante:

— A morte de todos, ou a bandeira!

O 30º de Voluntários, mais parecendo horda de selvagens, derramou-se pelas trevas.

A ousadia deste cometimento era o desespero da audácia.

Brilhou na escuridão da noite a lâmina cutilante dos sabres.

Meia hora depois voltava a metade do 30º de Voluntários, com seus feridos, suas armas e bandeira que o inimigo arrebatara.

Era a Pátria que voltava ao acampamento. Durante nossa vida tivemos, em verdade, desentendimentos internos. Mas, onde os irmãos que não brigam? Lutam sim, desentendem-se, mas no fim temos a resultante benéfica trazendo o progresso e o bem estar geral.

Lutamos, algumas vezes, irmãos contra irmãos, um fator, porém, pairou sempre acima das questões:

A Pátria, inviolável, intangível.

"Sempre ouvi dizer que na campanha do paraguai o senhor foi um bravo... que chegou a tomar canhões inimigos à baioneta e porque não faz o mesmo com aqueles que ali estão nos afrontando!".

O marechal Floriano respondeu aos que desejavam fizesse ele fogo contra os homens de Deodoro, o proclamador da República:

"E" que lá no Paraguai eram inimigos... porém brasileiros, não atiram contra brasileiros".

Meus senhores, esta era a voz da Pátria unindo os irmãos, em profundo desentendimento.

Era a mãe carinhosa falando aos filhos.

"Receberei a bala"

Foi ainda de Floriano esta frase quando estrangeiros desejavam saltar no porto do Rio de Janeiro, insinuando uma ajuda contra a revolta da armada.

Como os receberá V. Excia.? "Receberei a bala".

Arrastava-se pelo Rio Grande do Sul, o fogo destruidor da revolução farroupilha.

Aqui está a palavra de Caxias, traduzindo o mesmo sentimento: a Pátria acima de tudo e acima de todos.

"Vede que esse estrangeiro exulta com esta triste guerra, com que nós mesmos nos estamos enfraquecendo e destruindo.

Abraçemo-nos e imanemo-nos para marcharmos não peito a peito, mas hombro a hombro, em defesa da Pátria, que é nossa mãe comum!".

Em nossos corações de brasileiros, este sentimento de Pátria, está sempre vivo, sempre alerta, sempre comandando os acontecimentos.

David Canabarro, o chefe da revolução Farroupilha, que lutou nove anos em busca de um objetivo, que foi tenaz, que foi bravo, que foi intránsigente, também cedeu ante esta palavra indefinível, ante este sentimento misterioso: Pátria.

Nunca aceitou o auxílio de Rossa ou Oribe, inimigos de nosso país. Quando Rosas ofereceu tropas para ajudá-lo a combater contra as forças imperiais de Caxias, indignado, repeliu a proposta com essas enérgicas e nobres palavras:

"Senhor, o primeiro soldado de vossas tropas que atravessar a fronteira fornecerá o sangue com que será assinada a paz com os imperiais. Acima de nosso amor a República, colocamos o nosso brio, a integridade da Pátria. Se puzdes agora vossos soldados e os soldados do sr. D. Pedro II".

De fato, poucos anos após os gauchos do Rio Grande do Sul e os soldados legalistas de D. Pedro II, inimigos ainda ontem, animados do mesmo amor a Pátria comum combatiam, deveras, hombro a hombro, contra Rosas e Oribe e ganhavam juntos a batalha de Monte Caseros.

Pátria, palavra indefinível. Pátria, sentimento misterioso, indecifrável, intraduzível, immanando, congregando, polarizando e atraindo todos para um mesmo ideal.

Quem poderá traduzir o

(Continúa na pag. 10)

Conferência promovida pelo ...

(Continuação da 9ª pág.)

que é Pátria?

"Pátria é a palavra mágica, que pode converter cada homem num soldado e cada mulher num martir; que faz chorar as crianças com desespero de não serem ainda homens e faz chorar os velhos, porque já não podem manejar um fuzil".

Ah! meus compatriotas, meus irmãos, forçoso é confessar, com o coração comprimido, com a voz entrecortada pela tristeza, de tempos para cá nem todos pensam assim.

Cessem de tocar os clarins, parem de rufar os tambores, porque desce sobre nós profunda tristeza, entra amargo e profundo silêncio nesta casa, choram nossos corações, cobre-se de luto nossa alma, ao nos lembrarmos de uma frase dita em 1947 e que só não repito por não achar digno enfiar-lá junto às já citadas.

Todos se recordam, todos os bons brasileiros contra ela se revoltaram.

Teria sido pronunciada por brasileiros? Teria sido dita por quem? Alguem nascido sob o céu do cruzeiro do sul? Poderá haver algum motivo tão forte que nos faça pegar em armas contra nossa Pátria, a favor de outro país?

Porque pensar assim quando nunca agimos desta forma?

Haverá alguma coisa que nos prenda aos interesses de outras raças?

Não. De todos nós nos diferenciamos pelo próprio fundamento de nossa formação étnica. Nossos problemas sociais são nossos unicamente.

Fórmulas usadas em outros países que são apontadas para a solução de nossas crises nunca poderiam resolver qualquer dificuldade que fosse equação para nós.

"Profanando altares e consciências, sacrificando povos, oprimindo raças, matando crianças e mulheres, os bárbaros de outros continentes desenfreadam pelas fronteiras de todas as pátrias a borrasca. As nações que foram algemadas pela prepotência absurda da força, os que foram conduzidos ao cadafalso espiando a culpa do que não cometeram,

são trechos da terra onde não mais palpita o anseio humano da vida que cedeu lugar ao silêncio apavorante da morte.

Somos, por princípio, pela formação do nosso carácter e da nossa cultura, por força mesmo do nosso temperamento, radicalmente contrários às teorias extremistas, às idéias exóticas, às fórmulas absolutistas que, de quando em vez, transplantados para o nosso clima, graças ao impatriotismo de alguns maus brasileiros, aparecem diluídas nas tonalidades imprecisas de certa retórica balofa e fácil de identificar-se".

Cada brasileiro deve ser, neste momento, brasileiro e não somente brasileiro.

A serviço da Pátria não há restrições nem condições: tudo para ele, exclusivamente para a Pátria.

Aplaudindo palavras de um autor que li poderei dizer que: "estendendo o olhar por sobre o que já realizamos, no que estamos edificando e no muito que ainda podemos fazer, sentimos fundamentadas razões para confiarmos no porvir.

Por toda parte, nas escolas e nas fábricas, nos mares e nos campos, nos laboratórios e nos lares, pelo vasto território brasileiro, é febril o esforço com que nossa gente procura elevar o país. Nas mais variadas atividades — agricultura, pastoril, comercial, industrial e científica, temos avançado com rapidez e firmeza.

Prossigamos, cheios de entusiasmo e de fé pela larga estrada triunfal que levará o Brasil a realização de seus altos e nobres destinos, sem receio de sombras que entenebreçam os nossos céus, nem os obstáculos que cerceiem nossos horizontes, nem de forças estranhas que detenham nossa marcha".

"As páginas da história em que são exaltadas a bravura e o espírito de sacrifício dos que serviram, são os depositários das maiores reliquias da existência de um povo".

A cinza dos mortos é a criadora da Pátria.

Aos que já passaram, aos que já tombaram pela glória da Pátria, aos que assim nos legaram este patrimônio in-

tato, soberano e altivo, rendamos nossas homenagens.

Levantenmo-nos, todos de pé. Concentramo-nos por um instante, pensemos profundamente o quanto a eles devemos.

Conduzamos nossos pensamentos aqueles que embrenhando-se nas florestas, para alargar nosso território, de lá não mais voltaram.

Nos que, azas partidas, cairam inertes quando procuravam desvendar o espaço aéreo.

Nos que jazem nas profundezas do oceano imenso, vítimas de traçoeiro inimigo que, covardemente, atacava nossos navios mercantes.

Nos que, lá longe, no campo santo de Pistóia, dormem seu sono eterno porque se sacrificaram para elevar o prestígio do Brasil e firmar, perante a Nação Brasileira, o valor de exército de Caxias.

Ouçamos o lúgubre toque de silêncio. É a Pátria que se despede. É o sentido adeus da Pátria sobre o túmulo daqueles que a serviram com lealdade, daqueles que a não infamaram, daqueles que contra ela não conspiraram, daqueles que não se sublevaram, daqueles que sempre a elevaram perante o mundo, lutando por sua liberdade.

"Bandeira amada do meu País, o último dos teus filhos, aquele que ficar, sozinho, no campo de batalha, ou na lama da trincheira ainda terá soberba coragem de levantar-se, como o sacário de um povo, para o túmulo ou para a glória.

Possue a certeza de que nunca haverei de verte e de que ninguém te verá jamais, ultrajada em mãos inimigas, como um trofeu de vitória".

.....

CONTRIBUIR PARA A ASSOCIAÇÃO CATARIENSE DE COMBATE AO CANCER E DEFENDER A SUA E A VIDA DO SEU SEMELHANTE.

.....

A América do Sul lutará pelo mundo ocidental

"A VITÓRIA SOVIÉTICA SERIA O FIM DOS DIREITOS HUMANOS"

Quito, (T.) — O discurso de posse do presidente Velasco Ibarra termina com estas palavras:

No duelo fatal desta hora entre o mundo ocidental e o mundo oriental, a América do Sul tem que ficar com o Ocidente porque o triunfo dos czares da Rússia corresponderá à anulação total, durante prolongados anos, dos direitos da pessoa individual humana.

O Oriente, apesar de sua incomparável grandeza metafísica, a personalidade individual humana. Durante milênios a população ocidental, a consciência oriental com o auxílio da técnica e das doutrinas sociais do Ocidente para que também surja no Oriente, desta vez esplendidamente enriquecida, a pessoa individual humana. O Equador ama a paz, quer a paz e trabalhará pela paz; nunca representará um perigo para quem quer que seja.

Mas o Equador tem inteiro direito a desejar e manter o que todos os povos civilizados do mundo desejam e mantêm: um território assegurado, possibilidade de manutenção de sua vida atual e seu desenvolvimento futuro, forças armadas valentes e disciplinadas, como seu amparo e garantia. É uma verdade: sem a força, a ajuda dos organismos internacionais chega sempre tarde e de forma ironica para a justiça".

Após o discurso, o presidente Velasco seguiu para o palácio do governo, onde assinou o decreto que toma posse da primeira magistratura do país, nomeando os membros do governo.

CASA

Precisa-se alugar com urgência uma casa com dois quartos e demais dependências. Tratar à rua Arcipreste Paiva, n. 5, telefone: 1445.

Oferecem-se garantias (carta de fiança).

RADIO

HAMILTON ALVES

Infelizmente, existe entre nós — catarinenses — uma cousa muito perniciososa, que é o espírito de destruição. Certa vez, palestrando com um carioca, êle nos disse que possuímos uma cousa rara, uma qualidade singular, que é a circunspeção, o espírito de auto-crítica, ou melhor dito, que nós colaboramos para o nosso entêrro, que as nossas cousas se destróem ao sópro mais leve, que, enfim, nós nos destruimos. O paulista é um povo que defende com ardor tudo aquilo que respeite a São Paulo, o mineiro, o paranaense, o gaúcho, etc., idem, idem. Quer dizer, são gente que colocam suas cousas, boas ou más, acima das de outros Estados, que dão valôr aquilo que pertence ou aquilo que nasceu na sua terra natal, ao passo que o barriga-vêrde é diferente, é contrário à essa política, que se atola sòzinho, sem a ajuda de terceiros. E' isso, caros leitores, é uma verdade incontestável, inequívoca, certa. Nós, com efeito, somos os maiores inimigos da nossa terra. Nós, efetivamente, liquidamo-nos sòzinhos, como se fôssemos crianças, como se fossemos uns "bocós". Quando chega um forasteiro por êstes lados, damos-lhe, invariavelmente, uma impressão pessimista e desoladora da nossa terra, das nossas cousas e da nossa gente. Dizemos que há centenas de pessoas morrendo de fome; que a nossa ponte é bonita, mas que isso dizem dela porque não a viram de perto, que o nosso futebol é do tempo do onça e que o rádio é uma vergonha, que os nossos jornais são uns "pasquins", que o nosso e aquilo são cousas extremamente horrendas, terríveis, abismantes. Roupas sujas lavam-se em casa. Mas, nós, nós lavamos nossas roupas sujas na casa dos outros, nas casas alheias, para que os outros conheçam as nossas misérias, para que saibam da nossa fraqueza, para que fiquem cientificados de que não temos nada que valha, que somos uns mortos à fome, e que aqui é um verdadeiro inferno. E essa impressão dada aos que nos visitam, vai se espalhando pelo Brasil tôdo. E aquêles que nunca vieram aqui, que nunca pisaram o pé nêsse solo, ficam a fazer visões inexatas de tudo que nos cerca. Não somos um povo unido, que coligam-se para que tudo melhore, para que tudo tome nova feição; não! E, por incrível que pareça, fazemos justamente o contrário: desestimulamos os poucos que se esforçam para o progresso da nossa modesta cidade; entravamos o trabalho daquêles que se empenham para tornar menos sombrio o panorama citadino. Um exemplo do que afirmamos está na campanha que muitos fazem contra a Rádio Guarujá. A nossa estação, a única por sinal, é, de momentos em momentos, alvo de comentários desairosos. Dizem tudo dela. Dizem que o seu som é de taquara rachada; dizem que os seus cantores não valem um centavo; dizem que os seus locutores nada valem; que suas programações são aborrecidas; que seus diretores e funcionários são uns idiotas, uns imbecis. Tudo. E não são os outros, os de fóra, que dizem essas cousas. Somos nós, barriga-vêrdes da gema, de quatro costados, que fizemos essa campanha. Isso está errado. Devemos procurar estimular o pessoal que enfrenta obstáculos mil para fazer radio-difusão nesta terra. E devemos, outrossim, atentar para as pode-

O TEMPO é um jornal sempre amigo dos amigos do povo, sempre inimigo dos inimigos do povo. Procure mante-lo livre e independente sem ligações políticas com quaisquer partidos, como si fóra uma antena do próprio povo. Para isso, solicite uma assinatura anual, enviando-nos Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) e preenchendo o certificado abaixo:

Nome

Rua e numero

Cidade

Estado

Importante: Faça a sua remessa exclusivamente para a Direção de "O TEMPO".

Rua Arcipreste Paiva, 5 — Cx. Postal 269.
Florianópolis — Santa Catarina

rosas razões que servem de obstáculo a que a Guarujá suba mais um ou dois degraus. Imaginem os leitores que o público que acorre à Guarujá para assistir aos seus programas de auditório enxovalham os artistas e prestam serviço inigualável para que o programa não saia como poderia sair se houvesse, da parte do auditório, maior incentivo e mais intensidade de aplausos. A índole do catarinense, pois, é bastante interessante. Se não existisse Rádio em Florianópolis diriam: — "Esta terra nem rádio tem, está vendo. E', de fato, uma cidade atrasada!" Precisamos, portanto, ser mais unidos; deve, entre nós, existir mais compreensão, mais entendimento. Abrigamos, nesta secção, uma carta do Diretor da Rádio Guarujá, dr. Cário Pinho. Já andam dizendo que somos puxa-sacos. Ao estreamos nesta secção, elogiamos o desempenho de muitos artistas.

Pois já ouvi que me atribuíram, não sei porque cargas d'água, o defeito de surdo, e outros há que, sem que solicitasse, me puseram duas gigantescas orelhas. Ora, leitores! Francamente! O rádio catarinense precisa de estímulo, de aplauso, de incentivo do próprio catarinense, da imprensa, principalmente. E não seremos nós que ajudaremos a puchar a corda para que mais depressa seja enforcada a pobre vítima. Digam o que bem entenderem, mas estamos aqui imbuídos de espírito de construção e não de destruição. Se notarmos falhas nos trabalhos da Guarujá, colaboraremos para que sejam sanadas e não as apontaremos com o propósito de atacá-las vilmente. A Guarujá, ademais, necessita da colaboração de tôdos para, cada vez mais, progredir, e conseguir um lugar de destaque na radio-difusão nacional. E' a única desta cidade que estou certo tôdos estimamos. E a essa única devemos auxiliar e devemos tudo realizar para que não decresça e não retroceda. O comércio deve apoiar com mais vigôr a emissora local afim-de-que ela conquiste novas vitórias consagradoras. O nosso objetivo deve ser o de zelar por aquilo que é nosso, que nos pertence. E do que é nosso e do que nos pertence devemos nos ufanar, nos orgulhar, e não, justamente, nos sentir humilhados ou diminuídos.

Tudo aquilo que integre o nosso patrimonio deve ser guardado com carinho. E, para finalizar, estamos aqui para construir e não destruir.

Que cada vez mais cresça o ânimo dos radialistas barriga-vêrdes para novas jornadas.

ARTE

por Sálvio de Oliveira

LIVROS

ROMAIN ROLLAND

Escrevi a tragédia de uma geração que vai desaparecer. Nada procurei dissimular, quer de seus vícios, quer de suas virtudes, nem de sua tristeza pesada, de seu orgulho caótico, de seus esforços heróicos e de seus acabrunhamentos, sob o fardo esmagador de uma tarefa sobre-humana: toda uma soma do mundo, uma moral, uma estética, uma fé, uma humanidade nova a refazer — Eis o que fomos.

Homens de hoje, a vez é vossa.

Fazei de nossos corpos um degrau e ide para a frente.

Sêde maiores e mais felizes do que nós.

Também eu digo adeus à minha alma passada; atiro-a para trás de mim, como um invólucro vazio. A vida é uma sequência de mortes e ressurreições. Morramos, Cristophe, para renascermos.

(JEAN CRISTOPHE — prefácio do último tomo)

YLLEN KERR

ARTES PLÁSTICAS

Yllen Kerr nasceu no Distrito Federal, onde estudou, tendo-se dedicado ao desenho e gravura. Especializado em xilografia, já conta com numerosos trabalhos de valor. Colabora na Imprensa, especialmente em "Letras e Artes", participando de exposições coletivas e do Salão Nacional. Ilustrou o livro de Edson Régis "O deserto e os números", e a Grande Antologia de Edson Régis "O Brasil", edição da "Revista Branca".

Yllen Kerr vive atualmente no Rio, onde trabalha.

Perguntado sobre sua opinião a respeito dos "novos", nos respondeu que o movimento dos novos no Brasil, embora já tenha nos apresentado valores individuais, não pode ser considerado, ainda, senão como uma grande e sincera luta onde se nota vontade de acertar.

EXPOSICAO DE GRAVURAS

O MUSEU DE ARTE MODERNA de Florianópolis, abrirá novamente sua sala de exposições, para uma mostra do CLUBE DE GRAVURAS DE PORTO ALEGRE.

São mais de vinte trabalhos, de alta classe, e que vêm despertando os maiores elogios da crítica especializada.

Possivelmente, a Exposição será inaugurada no próximo dia 17, quarta-feira.

Sobre a revista "SUL" declarou que a acompanha desde seus primeiros números e que, com o que ela já realizou e com os elementos de apoio de que dispõe tornar-se, sem dúvida, uma publicação de primeira linha.

POESIA

Minha Nossa Senhora do Desterro

BEATRIZ BANDEIRA

Minha Nossa Senhora do Desterro!
Ilha encantada! Que desolação!

De um lado o mar misterioso e verde
e os morros do outro lado, também verdes,
e entre os morros e o mar, os pescadores...
Tanta miséria num país tão rico!
Os pequeninos de cabeças grandes
ventres crescidos e de pés descalços.
E a terra negra que nem foi plantada!
E o peixe farto que nem foi vendido!

Os casebres de palha pendurados
no alto dos morros agressivos.
E lá no alto... bem no alto, a cruz,
braços abertos como quem perdôa
ou como quem repele...

Meus pequenos alunos veem descendo,
descendo o morro para vir cantar...
Os pés molhados, as roupinhas újas...
Uma chuva constante alaga tu o.

Entre o bramir das ondas sobre a areia,
o ruído da chuva nas calças,
e o grasnar lúgubre dos corpos,
o chicote do vento estala e vibra,
corta, açoita, maltrata, espanca e fere
a galharia verde, o mar, o casarão
e os corpos semi-nús das criancinhas pobres...

Minha Nossa Senhora do Desterro,
Ilha encantada! Que desolação!
Lá bem no alto, a cruz, indiferente...
braços abertos como quem perdôa
ou como quem repele...

TEATRO

NOTÍCIAS DO T.C.C.

"Florianópolis, 3 de Setembro de 1952.

Ilmo. Sr.
Dr. Sálvio de Oliveira.

Nesta.

Prezado sr. dr.

Primeiramente, meus respeitosos cumprimentos. Li, em o Semanário "O TEMPO" n. 8, de 1-9-52, sua página intitulada, "ARTE", um comentário referente as atividades do Teatro Catarinense de Comédias. Em seu tópico

final, declara V. S., que o T. C. C., não é um grupo fechado, que há lugar para todos.

Assim, sendo, desejando presentear minha modesta colaboração, como amator, solicito seja meu nome inscrito no quadro efetivo do T. C. C., sob V. digna direção.

Sem mais no momento, aproveito o ensejo para apresentar á V. S., os protestos de elevada estima e distinta consideração.

Albano Lúcio

Rua Marechal Câmara, n. 110 — Estreito".

Colin não é responsável!!! Acontece cada coisa...

Um Secretário de Estado não pode arregaçar as mangas de sua camisa e, continuamente investigar pelos trapiches de Florianópolis, se há ou não material estranho à sua administração para desembaraçá-lo

Mário Freyeseleben

O Acôrdo que existe entre o Ministério da Agricultura e o Estado, não abranje todos os setores do Fomento Vegetal, como quiseram fazer crier na tribuna da Assembléia Legislativa, numa de suas últimas sessões, caracterizada pelas críticas sem fundamento, feitas ao sr. João Colin, pelo deputado Ylmar Corrêa, em tôrno da permanência de tratores no trapiche da firma de navegação Hoepecke.

Por exemplo: as máquinas destinadas à campanha do trigo em Santa Catarina são exclusivamente federais. Da mesma forma, as máquinas recebidas pelo

Estado são exclusivamente do patrimônio federal, porquanto a arrecadação feita com a venda dessas máquinas, retorna integralmente aos cofres públicos federais, quando e se elas estiverem enquadradas no sistema do Acôrdo, o Estado deveria receber 1/3 daquela arrecadação, o que não acontece.

Os tratores que estavam sobre o trapiche da Firma de Navegação Hoepecke, pertencem ao acêrvo do material federal de revenda do Ministério da Agricultura, do qual é funcionário único em Santa Catarina o sr. Afonso Veiga.

O sr. João Colin é somente fiscal dos serviços federais de Santa Catarina que estão enquadrados no regime dos diversos acôrdos estabelecidos entre o Estado e a União e, nessa qualidade, e mais, na posição de titular da Pasta da Agricultura, deve merecer o acatamento dos funcionários federais que estão afetos à sua Secretaria.

Isto, no entanto, não implica em que o sr. João Colin deva perambular pelos trapiches de Florianópolis, para verificar "in loco" si por ventura existe por aqueles lugares, tratores ou qualquer outro material agrícola destinado à sua Secretaria e, muito menos, a setores que não lhe estão afetos. Para tanto, o sr. João Colin dispõe e deve confiar nos chefes de serviços e técnicos que lhes estão subordinados, aos quais cabe velar

para que não se deem fatos condenáveis como o acontecido.

Prova é da operosidade e do interesse que dedica o sr. João Colin ao patrimônio público, mesmo àquele que não lhe está afeto, é ter comunicado imediatamente o sr. Afonso Veiga da chegada dos tratores, tão logo recebeu o aviso da Firma Hoepecke, solicitando a retirada, sem demora, das máquinas para um local apropriado e, tomando conhecimento de que as mesmas permaneciam no cais da Rita Maria, ratificou àquele pedido, acatado e cumprido.

Estas considerações bastante esclarecedoras, também foram usadas na tribuna do Poder Legislativo pelo líder udenista deputado Oswaldo Bulcão Viana, mas deixaram de ser aceitas pelo sr. Ylmar Corrêa.

O ex-líder pessedista está com a razão quando se opõe à permanência dos tratores no cais da Rita Maria, porém perde-se completamente, quando responsabilidades publicamente o sr. João Colin, com visíveis interesses políticos que não os administrativos, o que não aconteceu com o sr. Oswaldo Rodrigues Cabral que, neste sentido, foi mais cauteloso, porquanto, limitou-se tão somente a denunciar o fato, sem imputar responsabilidades.

E, se tudo isso não fôsse suficientemente esclarecedor, bastaria considerar-se que, em carta dirigida à Assembléia Legislativa e lida pelo deputado Enedino Ribeiro, o sr. Afonso Veiga chamou a si toda a responsabilidade do "barulho", colocando, desta forma, a questão nos seus devidos e verdadeiros lugares.

O sr. Ylmar Corrêa, tão dedicado em criticar àquele Secretário de Estado, também não aceitou as explicações, contidas nos dezoito "itens" da carta assinada pelo Chefe do Fomento, negando-lhe a veracidade e a procedência dela, dando a entender que, o objetivo das críticas não era o fato das máquinas terem per-

manecido vinte e três dias expostas às intempéries, mas sim, o de não ter o sr. João Colin, em mangas de camisa, comandado os trabalhos para a retirada dos tratores daquele trapiche.

Tudo faz crêr, que as ofensivas feitas ao sr. João Colin, obedecem a um plano pre-estabelecido, visando desprestigiá-lo perante o povo, mediante uma campanha de descrédito encetada por pessoas que não se aclimatam com o ar respirado na Secretaria da Viação, Obras Públicas e Agricultura.

NOTA DE FALECIMENTO



Dia 10 do corrente, faleceu no sub-distrito do Estreito, o conhecido Capitão João Donato de Souza. Foi, sempre entre os seus amigos e mesmo entre subalternos, um militar correto côncio de seu dever. Viveu o saudoso finado, longos anos em nosso meio, mostrando pelo seu comportamento e nobres virtudes que ornavam o seu magnânimo coração o exemplo vivo de um homem que dedicou grande parte de sua vida ao exército Nacional.

"O Tempo", vem, pelo seu diretor e redatores, apresentar sentidos pêsames à distinta família Capitão João Donato de Souza enlutada.

(Continuação da 4ª pág.)

bram, (desejo que sejam mortos), com a maior satisfação do mundo. Porque, caso raro, você é um dos políticos que voltam à terra, na lembrança dos outros homens, sem manchas depois de morto. E ainda: chorado ao morrer...

Asseguro-lhe: se a metade desses políticos, que conhecemos, morresse amanhã, como na poesia de Azevedo, talvez nem o irmão choraria... E quanto mais o povo que o elegeu! E quanto mais os amigos que ele favorecera, quando no apogeu...

Aliás, caro Rafael, chorar a morte de um político, hoje, no Brasil, é quase que um absurdo. E' assim como algo inesperado, digno de figurar no IMPOSSÍVEL ACONTECE, DA REVISTA "O CRUZEIRO". Sim senhor!

A maioria desses nossos políticos nacionais e mesmo alguns estaduais, quando morressem, ou quando morrem — melhor falando — terão bandas de música, vibrando no coração do povo. E haverá foquetes, foquetões e foquetórios, busca-pés e traques, e regosijos à saída deste mundo de um indesejável.

Você é que é feliz, Rafael...

x x x

Quero frizar com essa crônica, que uma radio-emissora noticiar a morte de alguém que não morreu, é coisa banal. (Até o Times de Londres já fez isto)... mas, ser um político chorado por seus amigos e correligionários, embora ficticiamente morto, isto sim é admirável...

Meus cumprimentos, Rafael. E, que, quando de sua morte verdadeira, ainda os seus amigos, os seus correligionários, enfim o povo, o amem tal como agora: chorando quando os deixares definitivamente.

CASA

Precisa-se alugar com urgência uma casa com dois quartos e demais dependências. Tratar à rua Arcipreste Paiva, n. 5, telefone: 1445.

Oferecem-se garantias (carta de fiança).

Mensagem da Roça

A. BARRETO BOSSLE

Abusando, talvez, da liberalidade de "O TEMPO", enquanto puder, restringirei estes comentários descoloridos ao debate de questões que dizem respeito à minha pobre classe: os Serventários de Justiça. Em dois artigos anteriores defendi a necessidade de realizarmos um congresso estadual para a fundação da nossa associação de classe, fato que mereceu manifestações favoráveis de vários colegas. E dentro ainda dessa necessidade, eu me proponho hoje a falar de um dos projetos em trânsito na Câmara Federal que concedem benefícios aos cartonários brasileiros, apresentado pelo deputado mineiro Vasconcelos Costa, aquele mesmo parlamentar que, por um milagre, saiu ilêso de recente desastre aviário, milagre esse que também nos abrange, visto ter proporcionado àquela ilustre parlamentar a oportunidade de, por mais uma vez, mesmo sendo banqueiro, demonstrar o interesse devotado aos humildes "escrivães" brasileiros. E se digo por mais uma vez, é porque S. Excia., em varias oportunidades, reclamou a paralização de um outro projeto identico, apresentado por outro senhor deputado cujo nome não me ocorre agora, mas que sei fazia parte da representação capixaba na legislatura passada. A proposição do deputado Vasconcelos Costa, cujo teor transcreverei adiante, tomou o número 2.025-52 e foi apresentada em 2 de Junho do corrente ano. Eis-la:

Art. 1º — E' assegurada mensalmente aos Oficiais do Registro Civil uma gratificação de Cr\$ 2.000,00, que correrá á conta do Ministério da Justiça e Negócios Interiores;

§ 1º — O Orçamento Federal consignará, anualmente, na rubrica própria, a verba correspondente e mais a que se fizer necessária ao pagamento dessa despesa, a partir da vigencia da Lei n. 488 de Setembro de 1948.

§ 2º — O pagamento se efetuará por intermédio das co-

letorias de rendas federais.

Art. 2º — Os Oficiais do Registro Civil gozarão dos mesmos direitos, no que concerne á aposentadoria e pensões, que os funcionários públicos civis da União, descontando mensalmente do que recebem dos cofres públicos federais para o Instituto de Aposentadorias dos Servidores do Estado.

Art. 3º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Pois bem, enviada á Comissão de Finanças logo depois, lá, foi o projeto distribuido ao deputado Wanderley Júnior para relatá-lo.

Daí, a melhor oportunidade do nosso apêlo para que aquele órgão técnico, através do seu relator, atenda aos reclamos da nossa classe. E' que como representante catarinense na Câmara Federal e ainda como ilustre advogado, S. Excia. não desconhece as necessidades dos Oficiais do Registro Civil e certamente há-de dar a sua solidariedade e o seu apoio á proposição, ainda mais quando do seu Estado surgem as mensagens d'esses servidores, muitos dos quais, certamente, lhes deram bom punhado de votos. Por essas razões e por outras também de inteira justiça, eu creio que o nobre deputado estará do nosso lado. Se nisso não vai o julgamento de nenhuma autoridade no assunto, pelo menos é o julgamento insuspeito de quem sempre foi adversário do sr. Wanderley Júnior. Entretanto, desde que a política é um veículo que transporta as reivindicações populares, o é também para que se julgue os homens públicos. E o eleitor, evidentemente, sabe decidir com justiça. Que saibam os cartonários estar nas mãos do deputado Wanderley Júnior o primeiro passo para a conquista de algumas das nossas aspirações. E que essas mãos se abram justiceiramente, são os nossos votos.

"O TEMPO" ENSINA INGLÊS

O INGLÊS ATUAL DOS ESTADOS UNIDOS

(AMERICAN ENGLISH)

LESSON VIII (Oitava Lição)

Por A. A. BOUSON

- 4) O ditongo "E", conforme foi explicado anteriormente, tem sempre o som de "i", Ex: feet (fit) — pés; bee (bi) — abelha; flee (fli) — fuga; creep (crip) — engatinhar; spree (spri) — bebedeira; glee (gli) — alegria; etc.
- 5) O ditongo "EI" tem sempre o som de "i", com exceção da palavra "HEIGHT" (hait; h aspirado) — altura, na qual "ei" tem o som de "ai" em português. Ex: Receipt (recit) — recibo; receive (reciv') — receber; conceive (canciv') — conceber; deceive (diciv') — enganar; etc.
- 6) "EW" tem geralmente o som de "iú", Ex: Few (fiú) — poucos, poucas (somente usado no plural); New (niú) — novo; Dew (diú) — orvalho, sereno; Jew (djiú) — judeu; jewel (djiú'êl) — joia; Mew (miú) — mia (dos gatos); etc. Exceção: O verbo to sew (tu sou) — costurar.
- 7) "EY" pode ter os seguintes sons:
 - a) Como "i" na palavra "KEY" (ki) — Chave.
 - b) Como "ei" na palavra "Obey" (ôbei) — o verbo "obedecer".
 - c) Como "ai" na palavra "Geysér" (gaizêr)
- 8) "IA" na palavra "LIAR" — mentiroso pronuncia-se "lai'êr".
- 9) "IE" pronuncia-se "i" nas palavras belief (biliv) — crença; to belie (tu biliv) — acreditar; to besiege (tu bisidg) — sitiar; siege (sidg) — sítio.
- 9 a) "IE" tem o som de "ai" nas seguintes palavras: Die (dai) — dado, ferramenta, o verbo morrer; Lie (lai) — mentir, quando verbo regular, e jazer, deitar, quando irregular. Pie (pai) — torta; Tie (tai) — gravata.

INGLÊS PRÁTICO PELO MÉTODO RÁPIDO

E MODERNO

(Fonética Internacional)

PROFESSOR BOUSON

Praça 15 de Novembro, 20 — 2º andar.

Conta-Gotas

Osmar Silva

A reportagem da Rádio Tupi, do Rio de Janeiro foi informada de que nas Feiras Livres, os feirantes vendiam legumes e verduras mais baratos do que nas barracas do SAPS.

Sendo o SAPS uma entidade governamental, devia vender mais barato do que os feirantes, pois, do contrário estaria desobedecendo às próprias instruções da COFAP.

O que fez a reportagem da Rádio Tupi?

Transportou-se para o local e fez uma verificação pessoal nos preços.

E constatou que o informante tinha razão.

O SAPS vendia mais caro do que os feirantes.

x x x

Em Florianópolis a coisa é diferente.

O jornal "O Estado" denunciou um açougado que vendia carne de 3ª p. 1ª e a COAP enviou para a redação "A Sociologia do Boi", no dizer autorizado do Guilherme Tal.

x x x

Manoel de Menezes, pelas páginas de "A Verdade", denunciou uma firma catrinense que vendia seus produtos (e de outros) a preços exorbitantes.

O que fez a COAP?

Exigiu que o jornalista apresentasse provas!

Ora bolas! Por que não verificou a COAP a procedência ou não da informação?

x x x

Guilherme Tal recebeu a "Sociologia do Boi", tratado que tem relação direta com o preço da carne de 3ª vendida como de 1ª.

Se o "O Estado" tivesse falado na alta do preço do açúcar, teria recebido os livros de José Lins do Rêgo que formam "O Ciclo da Cana de Açúcar".

x x x

Vê-se cada coisa nesse país! As Caixas Econômicas Federais são as mais autárquicas de todas as autarquias do Brasil.

Os seus presidentes nomeiam, admitem, promovem, dispensam e exoneram, sem que seus atos estejam sujeitos à Sanção de quem quer que seja.

Entretanto, quando se trata de aumentar os vencimentos dos seus próprios servidores, pronto!

Entram no páreo o Ministro da Fazenda, o excelentíssimo DASP e o Sr. Presidente da República.

Ai a corrida torna-se dura. Os funcionários fazem tantas curvas para se manterem na reta, que quando a corrida acaba o prêmio nem interessa mais.

O desequilíbrio econômico-financeiro é tão grande que os citados mal se aguentam na montaria insegna que é a vida. E que vida!

x x x

Os depósitos efetuados nas Caixas Econômicas Fe-

derais, são garantidos pelo Governo Federal, mas até a presente data a União não desembolsou um único centavo com essas autarquias.

Contudo sempre que o Governo inicia uma política de compressão de despesas, lá vem ofício do Ministério da Fazenda enquadrando-as na política de compressão de despesas do Governo, prejudicando-lhes muitas vezes, o próprio desenvolvimento, impedindo-as de aumentarem os quadros de servidores.

Se as Caixas Econômicas Federais vivem à custa das próprias rendas, se nem aparecem nos orçamentos da União, se não aumentam nem diminuem o erário público, que têm a ver com a política de compressão de despesas do Governo Federal, nada, evidentemente!

Contudo o Ministério da Fazenda enquadra-as nas suas restrições... que são cumpridas.

E isso comprova o espírito público dos dirigentes das Caixas Econômicas Federais.

x x x

O funcionário de Caixa Econômica Federal, é um misto de funcionário público e bancário.

Entretanto, quando os funcionários públicos federais são beneficiados com aumento de vencimentos, as Caixas Econômicas Federais são excluídas do benefício.

O bancário, de um modo geral, é melhor remunerado que o seu colega das Caixas Econômicas Federais.

Quando as Caixas Econômicas, na sua maioria, começam a se movimentar para concederem aumento de vencimentos aos seus servidores, de acordo com os padrões constantes da lei que beneficiou os funcionários públicos federais, estes já estão com movimento muito mais adiantado, pleiteando novo aumento, pois o que lhes foi concedido — e que só agora irá beneficiar as Caixas Econômicas, — não satisfaz às necessidades do momento.

Isso implica ao dizer que os funcionários das Caixas Econômicas, (não todas), em matéria de vencimentos, estão sempre com dois a três anos de atraso, em relação aos seus colegas do serviço público federal.

Os projetos de aumento de vencimentos dos servidores das Caixas Econômicas Federais, deviam subir a sanção governamental, com parecer, apenas, do Colendo Conselho Superior das C. E. F. que é o órgão orientador e fiscalizador dessas autarquias.

Sujeitos, como estão, à aprovação do Ministério da Fazenda e do DASP, serão sempre pontos de interrogação bailando na mente aflita dos desajustados das Caixas Econômicas Federais aumentando-lhes a angústia e o desespero e levando-os não raro, à revolta e ao desencanto.

x x x

Deem autonomia total às Caixas Econômicas Federais.

Se os seus orçamentos são apenas apreciados pelo seu Colendo Conselho Superior, porque submeter à decisão do Ministério da Fazenda e do DASP, a magna questão de vencimentos?

Não bastaria a homologação do Colendo Conselho Superior, desde que a receita comportasse a despesa?

E' tempo dos funcionários das Caixas Econômicas Federais se libertarem da agonia shakespearicana do "Ser e Não Ser".

E' sempre assim...

Sem dúvida, caro leitor, que nós humanos, em nossa maioria, somos visceralmente invejosos. E, claro é, que essa inveja não se manifesta do mesmo modo. Em alguns ela se apresenta extardalhaçante, grandiloquente, raivosa mesmo: é a inveja dos descontrolados. E há a inveja dos pequeníssimos sinceros, essa é a inveja sem alarde, a inveja que podemos dizer pura.

Há também outra classe de inveja, a intermediária da perfeição, no grande pecado capital. E' a invejinha solerte, camuflada, a que se denuncia, pelo modo de falar no adversário, a que se apresenta nas entrelinhas, a que se aponta por anonimatos, por metáforas destrutivas. Essa é a inveja literária; a que nasce e explode sem razão de ser, unicamente para fins outros, que não prejudicar por palavras ou atos os invejados. E' a classe média da Inveja, enquanto a primeira é a pobreza simples.

Existe a terceira, que é a Alta-inveja, a grande, a que surge de político por político, de proeminentes por proeminentes, de chefões por chefões, de líderes por líderes. Inveja granfiníssima.

Pois bem, parece-nos que, dados os insistentes movimentos feitos pelos da segunda categoria, que Edson da Silva Jardim está sendo o grande visado no momento atual, em Florianópolis.

Não sabemos, absolutamente, se com estes insistentes e malevolos comentários feitos por intermediário de nosso confrade d' "A VERDADE", tem se sentido melindrado, ou por que não dizer, aborrecido ao Silva Jardim. Acreditamos que não. Si trouxer a marca indestrutível dos gigantes, do qual é descendente, daqueles Grandes, que preferiram o Vesúvio, a morrer, talvez sob a ignominia nascente, que foi a primeira república.

Mas, de um modo ou de outro, nós, se fossemos Edson da Silva Jardim, que, fora de dúvida, alteou-se a tal ponto de criar inimigos... sorririamos diante de tudo isto.

Na vida precisamos ter um "sorriso para tudo". Um sorriso para os momentos felizes, como para os maus, de confiança para os que duvidam, de bondade para os que choram, de agradecimentos para os que merecem, de orgulho para os infatuados, de mofa para os cretinos, de desdém para os mentirosos, de escarneo para os invejosos...

E silenciar sempre. Um sorriso fala mais do que todas as vozes que nascem de motivos injustificáveis. Porque, absolutamente, silenciar não é aceitar. Há também o silêncio dos inocentes, o silêncio dos justos e principalmente o silêncio dos superiores, dos que não se abaixam, dos que não descem, dos que se não curvam, dos que não se genuflexam, mas elevam a cabeça, olham o alto... e sorriem indulgentemente, perante tanta onda, que sua simples passagem provoca.

E' fato, caro Edson — sorria e continue a caminhada. E deixe que eles falem. Pelo menos, o mundo sabe que existes o que já é alguma coisa. Si é que não é tudo. E, si tua consciência estiver tranquila, o que creio, pois sei que te fizeste com teu próprio esforço, eu, em teu lugar faria mais... (Não... eu não digo. Proibi-me a mim mesmo de dizer desaforos até o fim do ano).

E pode ter certeza, Edson, quando a gente começa a subir é sempre assim. Sabe o que é? Fica sempre alguém em baixo.

E' só.

OSMAR COOK

Perfil da semana

A. R. S.

Eis o que se pode chamar de um coração gigantesco. Na política, tem lugar de destaque, não o tendo menos na sociedade, que a fortuna grangeou-lhe, e o caráter, igualmente. Tem poses hollywoodescas. Traz um bigode bem cuidado, que lhe completa o aspecto grã-fino. Ao tempo em que governava o Estado, sofreu as mais crepitantes críticas da oposição, e sempre as encarou com espírito de superioridade, que lhe é peculiar. Trouxe do berço a bondade, e não faz dela uma arma demagógica para fins eleitorais, pois que é espontânea. E' um dos mais poderosos cidadãos de que temos notícias, embora isso não constitua motivo para levantar uma barreira entre si e os que lhe são inferiores. Traz a mão cheia, mas aberta, e da qual muitos se têm servido. E se, não queira Deus, viesse a faltar, não faltariam os que o lamentariam e os que, sem titubear, seriam francamente favoráveis à erigão de uma estátua, afim-de-que não fôsse olvidado um homem dotado de tantas virtudes. E aquilo é que é automóvel!...

A Fala Governamental!

A seis do corrente — véspera do dia da independência — ouvi com a devida atenção e o máximo respeito, a palavra do primeiro magistrado do Estado, respeito ao auspicioso fato histórico e fiquei deveras contagiado com os arroubos patrióticos de Sua Excelência. Eis, portanto, uma grata notícia para o povo catarinense: o sr. Irineu Bornhaus, sufragado nas últimas eleições para o espinhoso cargo de tenente-mór da terra barriga-verde, nesta super-agitada era pletada de utilitarismos, é um fervoroso admirador dos vultos que enobreceram nossa história. Sua Excelência, numa alocução cheia de fulgurante adjetivação fez o panegirico da heróica pausa pátria, conclamando todos os catarinenses a renderem suas homenagens e a meditarem profundamente. Aplausos, pois, ao Chefe do Executivo que sobre ser um exemplar financista e tão patriota — patriota na expressão lata — pois, mesmo preocupado com a instabilidade da Bolsa (bolsa de valores, é claro!), é um entusiasta das dignificantes páginas que avolumaram nossa história.

Sim, enquanto os modestos "carnabés" aguardam o pronunciamento sobre o "famigerado aumento", Sua Excelência proclama: — O culto dos heróis é uma das mais antigas instituições que se conhecem; enquanto milhares de pessoas, subalimentadas e mal orientadas, procuram amenizar as vicissitudes atuais, Sua Excelência recomenda: — Não basta, sem dúvida, rememorarmos a vida dos grandes vultos da nacionalidade. Devemos imitar-lhes os exemplos sempre que se nos apresentem dignos de serem imitados.

Embora os generos de primeiras necessidade estão cada vez mais raros e mais caros, esvaziando dia a dia a minguada bolsa do povo, o Governador do Estado pede que estudemos história. Assim, para melhorar as precárias condições econômicas do povo, Sua Excelência oferta-lhe um compêndio de Joaquim Silva. Louvavel gesto administrativo: que significam as durezas da vida, os problemas sociais, as atribuições dos funcionários públicos, sim em nossa história há vultos como D. Pedro I e José Bonifácio?

Cidadãos! Sigamos o exemplo de Sua Excelência: deixemos que o estômago e a bolsa "estremem" a vontade, não nos incomodemos com a crise nacional, mas estudemos história.